



SER OU NÃO SER PADRE

1. Qual deve ser em sua opinião, o papel do padre no mundo moderno?

A sociedade contemporânea define-se por uma mutabilidade constante de tarefas e atribuições que, no seu entrosamento variavel no tempo, impedem a cristalização de qualquer grupo social numa definição rígida. Esta afirmação de ordem geral tem particular acuidade no caso do grupo social constituído pelos padres. Por isso não falarei, ao longo das minhas respostas, do padre - o que implicaria um arquétipo ou um modelo a atingir por todos e por cada um - mas sim dos padres, o que imediatamente põe em relevo a diversidade de dons, situações e serviços. As generalizações que eventualmente farei não decorrem de uma definição do "papel" do padre mas da observação da sua fenomenologia enquanto grupo social. Com efeito constituem actualmente os padres um grupo com características psico-sociológicas muito vincadas.

Trata-se em primeiro lugar, de um conjunto de humanistas o que imediatamente postula uma tendência para uma visão idealista da humanidade, uma admiração de certo modo "ingénua" pelo progresso e pela técnica, uma confiança cega no homem. Os traços descritos são reflexo de uma atitude, senão racionalizada, pelo menos subconsciente que corresponde à qualificação que Paulo VI deu a si próprio quando, ao visitar as Nações Unidas, se apresentou como "especialista em humanidade". Esta aparente figura de retórica tem uma razão de ser profundamente evangélica.

Na verdade, Jesus Cristo não foi um investigador científico (embora tivesse vivido depois dos matemáticos egípcios e gregos), não foi sindicalista nem guerreiro (embora já tivesse havido revoltas de escravos no próximo oriente e na própria Judeia se manifestassem movimentos de emanci-

pação do império colonial romano). Podiamos multiplicar os exemplos daquilo que Jesus Cristo não foi, mas bastará talvez lembrar, com o poeta, "que não sabia nada de finanças nem consta que tivesse biblioteca..." Jesus Cristo foi, outrossim, totalmente - e em cada momento da sua existência - Homem - para - os - outros homens. Tão intenso e absoluto foi o seu dom que pode concretiza-lo dando-se aos discípulos para além dos limites da sua condição incarnada.

Esta qualidade do humano é, sem dúvida, nota própria de todos os cristãos, mas reconheço uma certa especificidade dessa atitude na vida dos padres. Veremos adiante que formas ela reveste e quais as ambiguidades que contém.

Em segundo lugar, constituem os padres um grupo social que investiu toda a sua energia vital na realização de um ideal. Isto não significa que os leigos não tenham um ideal, mas ele encontra-se profundamente diversificado nos vários círculos a que o leigo pertence (a profissão, a família, as associações de qualquer espécie, as instituições na comunidade). Para um leigo há, assim, pelo jogo desses vários círculos, um sistema complexo de frustrações e compensações que contribuem para o seu equilíbrio. No caso dos padres a unicidade das expressões do ideal para que vivem é tão forte que uma frustração numa determinada zona da existência pode por em causa a relação do padre ao ideal que o motiva.

Parece-me que esta situação psico-sociológica dos padres os torna extremamente vulneráveis às brechas abertas na concretização do seu ideal de vida e àquilo que consideram um atentado a esse mesmo ideal.

Por outro lado, uma tal polarização afectiva tem potencialmente condições de realização humana insuspeitadas. O ideal para que vivem torna-se o campo de forças dentro do qual uma grande multiplicidade de tarefas, trabalhos concretos, relações, se podem estruturar. Assim encontraremos padres exercendo a "full-time" uma tarefa pastoral, outros combinando a pastoral e o ensino ou outra ocupação. O que decorre desta característica é a nota en-



volvante do sacerdócio. Traduzir-se-á assim em termos renovados a antiga afirmação de que "o sacramento da ordem imprime carácter"

Em terceiro lugar, são ainda os padres o único grupo social (conjuntamente com as forças armadas!) que se encontra, durante toda a vida numa situação "comando-obediência", e todos nós, leigos, sabemos que humildade revelam certos padres ao aceitarem despir por algum tempo os paramentos de "pontífice", colocando-se numa relação de lateralidade e colaboração com os outros cristãos. Não é estranho também a esta relação de mestre, pedagogo, dirigente, chefe, certos comportamentos de 'líder' absoluto na animação de comunidades, de "guru" para as camadas com estatuto de menoridade na comunidade cristã (os jovens e as mulheres) ou de "profeta político", por via do direito exclusivamente usado pela maioria dos padres de comentarem na Missa a Palavra de Deus. O que se pede ao padre nesta relação, em termos de autoridade, chegaria para ajudar a compreender a sobrecarga que isso significa e consequentemente os desvios a que pode conduzir.



Que dizer então de tal grupo social? A primeira realidade a ter em conta será a leitura adequada das três coordenadas que citei.

Assim, poderão os padres continuar a ser "especialistas em humanidade" se simultaneamente recolherem experiências diferenciadas vividas por outros homens, sem as destruírem ou negarem como parecia fazer-se há anos, nem tão pouco mitificá-las ou absolutizá-las como se vê correntemente.

Também não se pede aos padres que deixem de investir totalmente a sua capacidade de viver no ideal que os motiva mas exige-se-lhes que distingam entre o nível intra-mundano e o nível espíritual em que tal ideal se concretiza.

Tão pouco se deixa de pedir aos padres que presidam à Assembleia dos crentes mas urge ajudá-los a descobrir que não lhes cabe na sociedade dos homens nenhum especial papel de liderança que o seu estatuto de padre pudesse sugerir.

2. Julga que o padre deve limitar-se a exercer o seu múnus pastoral ou, pelo contrário, deve completá-lo com uma ocupação profissional no meio dos outros homens? Que pensa dos padres-operários?

Vive este grupo social a sua identidade numa época em que a insegurança dos padrões de vida, a velocidade com que se espalham fenómenos de origem bem localizada, invadindo, através dos meios de comunicação, os grupos e as consciências, levam os homens a procurarem refugio em maneiras institucionais de se inserirem na sociedade.

Embora se tenha ultrapassado o critério da especialização que dominava a educação ainda há 15 ou 20 anos e se tenha reconhecido que o homem rende e é feliz numa atitude de educação permanente que o leva a mudar de agulha em épocas diferentes da existência e a exercer uma polivalência dilatadora do ser - embora tudo isto tenha acontecido, o campo parece ser demasiado amplo para a geração adulta de hoje. Só assim se explica a fixação nas formas institucionais de trabalho na sociedade e a exclusividade dada, no vasto espectro das ocupações pessoais, ao que é costume chamar-se 'ocupação profissional'.

Numa tal sociedade a profissão parece esgotar a capacidade de invenção e dinamismo do homem e resumir a sua forma de estar na sociedade, conferindo-lhe o seu estatuto próprio.

Tomados por uma sociedade que assim confere estatuto e dignidade, encontram-se os padres perante uma pressão que os leva a desejar uma ocupação profissional. Haverá que acentuar aqui vários pontos.

Em primeiro lugar, se se trata de padres que viveram uma grande percentagem de anos da sua vida como padres ou seminaristas, é natural que a ocupação profissional lhes apareça como uma condição para estarem "no meio dos outros homens". Descobrirão, como o têm feito os leigos empenhados, que nunca se está no meio de todos os homens. Cada actividade social quando in-



Fundação Cuidar o Futuro

tensamente vivida, ao tentar ocupar todo o campo da consciência, vem marcado com a sensação bizarra de se estar "fora do mundo".

Não quero de modo algum invalidar a necessidade que experimentam alguns padres de ocupação profissional, tanto mais que em qualquer actividade realizada fora das estruturas eclesiais, os padres descobrirão, como o fazem os leigos ao longo da sua vida, que toda a técnica é intrinsecamente ambivamente e que a teologia das realidades terrestres não faz a economia do Cristo crucificado. Em outros termos, poderão aprender ao vivo, que a ponte bem calculada pode ruir, que a experiência de laboratório pode no último momento ficar comprometida, que o ensino das matemáticas ou da história também se processa numa relação triangular em que a liberdade do aluno é decisiva e incontrolável etc.



Descobrirão sobretudo o que significa a cruz como sinal de esperança na vitória da vida sobre a morte. § Essa mesma ambivalência se revelará agora de forma positiva na satisfação de um pequeno trabalho bem feito, na descoberta que não há hoje ocupação profissional que não passe pela equipa e que não assente, portanto, mesmo inconscientemente, na solidariedade entre os homens, no sentimento de realização pessoal que se experimenta perante a tarefa que, por ser bem delimitada, tem necessariamente um fim, no tempo. § Qualquer destes aspectos está raramente <sup>presente</sup> nas tarefas dos padres: ~~que~~ quase nunca podem saber onde começa e acaba o seu trabalho (tão urgente e ilimitada é a tarefa do Reino) não podendo assim tirar dele o sentimento vivo da felicidade quotidiana; ainda quando trabalhando em lateralidade com outros cristãos, não podem despir facilmente o paramento de posto-à-parte-para-o-sagrado em que foram educados; ainda quando canónica e efectivamente fazem <sup>de</sup> parte de uma comunidade, dificilmente se podem desembaraçar dos esquemas individualistas em que foram educados. Lembro-me de ler há anos o testemunho do Padre Michonneau que tão decisivo foi na revitalização da Paróquia. Ao fazer o balanço de 40 anos de vida pastoral em que vira nascer e morrer equipas, grupos, associações, movimentos, tendencias variadas de espiritualidade e a todos deusa

Fundação Cuidar o Futuro

ra o máximo da sua verdade e da sua generosidade, levantava esta interrogação: "Vi eu crescer o Reino de Deus?"

Um segundo ponto que me parece importante destacar na questão da ocupação profissional dos padres é a profissionalização das tarefas exercidas por eles.

Quando o padre celebra a Eucaristia profere algumas palavras em que exprime a sua necessidade interior de purificação. Também, antes da leitura do Evangelho o padre faz uma invocação a Deus pedindo-lhe que purifique os seus lábios e a sua inteligência para dignamente poder anunciar a boa nova de Jesus Cristo.

Que quererá dizer esse pedido de purificação? Não posso ver apenas aí a exigência de uma atitude interior de conversão e muito menos a atitude intimista de quem vai tocar, por privilégio especial, em algo de sagrado. Se a realidade eclesial tem sempre uma dimensão intramundana, essa dimensão deve atingir o seu ponto máximo no maior acontecimento da vida eclesial que é a celebração da Eucaristia. Falar de dimensão intramundana equivale a dizer que entra na celebração da Eucaristia um conjunto de factores que pertencem de certo modo ao foro da actividade profissional. Referindo-me aos dois momentos da celebração que citei, haveria que perguntar se os padres fazem a leitura do evangelho com a mesma aplicação com que um operário da Renault cromá, liga, aparafusa, rebita, sabendo que da perfeição da sua tarefa depende a possibilidade de o produto final da cadeia poder ou não andar; haveria que perguntar se fazem preceder a homília de um trabalho de pesquisa bíblica e de interpretação sociológica correcta dos acontecimentos que vão ser atravessados pela Palavra anunciada e se nesse trabalho, isto é, para prepararem 10, 15 ou 20 minutos de proclamação comentada da Palavra de Deus, gastam os três ou quatro dias que um leigo tem de usar para preparar uma modesta intervenção em público no domínio da sua competência...

Mais longa e mais diversificada terá de ser a preparação que o torna apto a celebrar como representante personalizado de Jesus Cristo o memorial



da sua Ceia. Gostaria~~os~~ de ver recapitulados nessa celebração os gestos do<sup>m</sup> Homem que convida os amigos para o banquete, que preparou a festa, que lhes indica, com a integração do corpo e do espírito própria dos orientais, os alimentos que lhes vai dar e com eles partilha o amor e a vida. Técnica-mente falando, haveria que fazer apelo à expressão corporal, à fenomenologia do ser, ao simbolismo de cada gesto. E tudo isso se aprende, se prepara, se renova. (Não ignoro o esforço de degelo que os padres põem, depois da renovação litúrgica conciliar, na celebração da Eucaristia, mas até agora esse degelo só se faz sentir de forma visível - e às vezes um bocadinho abrupta! - no beijo da paz).

Um último ponto que me parece importante por em relevo é a condição que oferece a situação dos padres para o exercício de uma ocupação polivalente. Com efeito, a sua preocupação pelo humano reveste formas diversificadas cujo conteúdo não me parece ter sido na maioria dos casos suficientemente aproveitado. Assim, <sup>por exemplo,</sup> Os padres têm ocasião de realizar, e estruturar uma actividade catequética junto das crianças - jovens ou adultos. Porque razão está a catequese directa nas mãos de outras crianças ou das "senhoras catequistas" que para aí escoam o seu "zelo apostólico"? Isto não significa necessariamente que os padres se desdobrassem por todas as sessões de catequese mas exigiria que, como de resto alguns padres o fazem, essa catequese fosse laboriosamente preparada e renovada. Para isso, ao trabalharem neste domínio, teriam também os padres de conhecer um pouco mais de psicologia infantil, de psicologia da adolescência, dos elementos de cada fase do crescimento psicológico do adulto, de métodos activos de educação, para não falar já do próprio conteúdo da mensagem cristã. As sessões de catequese, (como as tão discutidas aulas de moral), deveriam exigir o mesmo esforço profissional que é posto na preparação de uma aula de inglês ou de química. De resto, ao ouvir, neste princípio de ano lectivo, o mesmo anúncio em todas as paróquias "para que os pais inscrevam os seus filhos na catequese", não posso deixar de me interrogar sobre a incoerência de toda a comunidade cristã que



Fundação Cuidar o Futuro

ticar a escola e os seus métodos obsoletos, não é ainda capaz de criar, no seu domínio próprio, a anti-escola. Do mesmo modo, poderíamos analisar a concepção de solidariedade entre <sup>homens</sup> as pessoas expressa pelas obras "caritativas" ou assistenciais de paróquias ou outras instituições eclesiais que dependem, em última instância, de padres. Qual o conceito de justiça sobre que assentam? De que modelo de desenvolvimento são portadores? Que tipo de sociedade antecipam? Ou será que as obras da Igreja se destinam a fazer ressoar em lá menor os modelos vigentes no status quo? Haveria que pensar em moldes inteiramente novos a redistribuição da riqueza entre a comunidade cristã, tornando-a a um tempo motora da caridade que é amor, partilha, dom, e sinal concreto da justiça traduzida na responsabilidade concreta (financeira e económica) de todos os membros da comunidade cristã pelos <sup>seus membros</sup> que são discriminados na sociedade. No seio da comunidade cristã haveria que fazer uma justa re-distribuição dos rendimentos.

Tem os padres ainda a seu cargo funções de animadores de grupos ou comunidades e também aí se podem veicular simultaneamente uma atitude evangélica de alegria e zelo, e uma atitude sócio-cultural que se baseia não só nas técnicas de grupo como na imaginação e que pode conduzir cada comunidade a encontrar-se a si própria.

Nestes grupos ou em outras funções de coordenação, exercem muitos padres uma função "governativa". Não é de duvidar, que a exemplo de Jesus Cristo, estão nessas funções para servir. Já merece maiores dúvidas a liderança que exercem e a forma como a concebem, oscilando do totalitarismo aberto ou disfarçado para o não-directivismo próprio das sociedades capitalistas em que cada um pode fazer "o que lhe apetece" sem necessariamente pensar nos interesses do conjunto. A capacidade de responder com tipos de liderança diferentes a situações diferentes adquire-se também profissionalmente e o treino no discernimento dessas situações é uma aprendizagem permanente em que não bastará a boa vontade e o dinamismo.



Não pretendo fazer uma lista exaustiva mas apenas mostrar que os domínios de actuação dos padres - ainda que encarados apenas nas tarefas que hoje assumem - tem em si muito maior potencialidade de ocupação profissional do que poderão imaginar aqueles que concebem a Igreja à maneira de uma realidade angelical, inteiramente subtraída às leis que regem as realidades terrenas.

O grupo social " os padres " é parte integrante de uma Igreja vivida na história, portadora de uma Revelação de Deus para a história. Os padres nascem da Igreja, e por isso revelam, de forma privilegiada, embora não exclusiva, nem exaustiva, o conhecimento que a Igreja tem de si mesma e a forma como se situa no mundo, em cada momento da história.

Falou-se muito, após o Concílio Vaticano II, do fim da era constantiana e do carácter problemático da Instituição da Igreja. Mas o esboroamento da Igreja, bem instalada no coração da cidade com os seus sinos repicando Avé-Marias e suas torres erguidas acima das casas dos homens, acabou por provocar naquela mesma que denunciavam o seu carácter triunfalista. De igual modo o desmoronar do aparelho institucional, o seu autêntico esfacelamento (revelado em primeiríssimo lugar pelo desaparecimento na década de 60 das grandes organizações católicas ou pela estagnação de organismos nascidos já do Concílio e ao tempo promissores de grande renovação), não deixa de inquietar todos os padres cuja energia e disponibilidade contribuía, em grande parte, para a vitalidade de tais organizações.

Quando se foi animador de organizações com milhares de filiados (só no Movimento Internacional dos Estudantes Católicos participavam nos anos de 54 a 58 cerca de 3 milhões e meio de estudantes) é necessária uma conversão total, não só de coração e desejo mas também de quadros mentais para se poder viver a sério e com igual intensidade o fenómeno dos pequenos grupos e das comunidades de base em que se estrutura



hoje, de forma eminentemente fluida, a "nova" Igreja.

O modelo sociológico da nova Igreja estava há uns anos por inventar. Já parece ser possível hoje perceber-lhe os contornos ainda que esse modelo seja o de um conjunto aberto. As pessoas participam da vida da Igreja consoante a sua própria forma de se situarem na existência. Para alguns a Igreja é o lugar de fraternidade; para outros é escuta da Palavra revelada; para outros ainda a Igreja é a realidade envolvente de todos os seus actos, o referencial humano das decisões e opções; enquanto para outros ela é o lugar da revelação transcendental tornada presente no acontecimento de Jesus Cristo.

O verdadeiro centro institucional dessa Igreja nova encontra-se no acontecimento da celebração da morte e ressurreição de Cristo. É aqui, no coração da vida cristã, que encontro para o ministério dos padres a mais completa justificação e que intuo as melhores condições de realização pessoal. Não se trata de uma função, mas da celebração de um acontecimento. Uma nova sensibilidade à História e portanto aos acontecimentos que a tecem parece ser essencial para que uma tal celebração tenha sentido.

Desde o Concílio tem-se falado abundantemente (até quase à saciedade) da Igreja como povo de Deus, mas também aqui não parece ter sido possível extrair até agora todas as consequências <sup>de tal conceito</sup>. Um povo não o é primariamente ao nível do exercício do seu poder. A Igreja não é o povo de Deus porque em primeiro lugar se torna uma democracia; antes, sim, porque esse povo vive acontecimentos, é sujeito desses acontecimentos e celebra-os, unificando-os e transcendendo-os na morte e ressurreição de Cristo. Ajudar a Igreja a ser povo de Deus é explicitar o acontecimento, abrir caminho para a sua percepção, fazer História Santa. Tal é o sentido que me parece ter hoje a noção de "Povo de Deus estruturado desde o início".

Este povo a que gosto de chamar a "nova-Igreja-Primitiva" vive no



nosso tempo (ou deveria viver) a mesma aventura dos primeiros cristãos. Cada membro do povo, cada um dos cristãos (como cada homem) é portador de dons, de talentos que o tornam único no painel imenso da multidão dos santos, mas que o tornam ainda mais <sup>visivelmente</sup> único na comunidade eclesial local em que se encontra com os outros cristãos. Dons, talentos, qualidades não são acasos da natureza e depois da vinda de Cristo são sempre manifestações do seu Espírito que enche de facto a Terra inteira. Por isso é legítimo falar dos carismas de cada um e, com S. Paulo, dizer que a diversidade dos carismas conduz à diversidade dos ~~des~~ serviços para a edificação do corpo total que é a Igreja.

Ora os ministérios são exatamente a palavra latina que traduziu a palavra grega <sup>diakonia</sup> diakonia que quer dizer serviço. O que está em causa neste conceito é a necessidade de reconhecimento da diversidade dos ministérios: a um pede-se que seja profeta, a outro que seja doactor, a outro que cuide dos seus irmãos, a outro que presida e assim por diante. Se peço aos padres que presidem à Assembleia dos presbiteros, não quero com isso dizer que neles vou investir toda a expectativa de vida carismática da Igreja. Aceito e espero que os outros carismas que sustentam a Igreja sejam traduzidos em outros tantos serviços ou ministérios a contribuírem para o fortalecimento da vida e para a estruturação do povo.

A resposta directa à pergunta feita decorre de tudo o que acabo de dizer. Não aceito as premissas em que assenta, como creio que terá ficado claro no que atrás foi dito. Apesar disso direi que uma ocupação profissional numa estrutura fora da estrutura eclesial (uma vez que só concebo um serviço na estrutura eclesial realizado com competência profissional) me parece como normal para os padres que aí se sintam chamados como homens. Considero <sup>parém,</sup> paternalista a escolha de tal ocupação com o objectivo de "estar no meio dos outros homens" ou com a intenção de "partilhar inteiramente a sua existência". Não quero deixar de referir que um grande número de padres têm e sempre tiveram uma ocupação



profissional, pois que outra coisa não era o ensino nos colégios religiosos, a investigação bíblica e litúrgica, etc...

Quas palavras sobre os padres operários; se com esta interrogação se pretende referir a experiencia bem localizada no tempo e no espaço da centena de <sup>emeia</sup> padres franceses que se fizeram operários no momento em que o cardeal Suhard acentuava o carácter missionário de toda a Igreja, terei de dizer que foram um dos marcos mais importantes da inserção da Igreja no Mundo durante os últimos trinta anos, porque romperam pelo seu gesto o muro que se levantara entre a Igreja e os homens que mais sofrem na carne as consequencias da industrialização. Mas se a expressão padres-operários quer significar experiencias a realizar hoje não posso deixar de levantar várias interrogações. A primeira é a dicotomia subjacente a essa experiência entre trabalho intelectual e trabalho manual. Metido talvez sem o saber e sem ter sequer dons para isso, numa série de actividades que o equiparam às profissões liberais, sente o padre necessidade de provar que também está do outro lado. Na descoberta do padre <sup>da da autenticidade e adequação</sup> é da sua forma de inserção na sociedade, enquanto tipo de tarefa a que se sente humanamente habilitado, <sup>estão</sup> admiro, respeito e encorajo a decisão que o leva, não a ser padre-operário, mas a ser operário-padre. No entanto julgo pressentir em muitos padres o desejo dessa experiência como fruto, de uma idealização do trabalho manual em termos de identificação aos pobres, aos mais desprovidos de cultura, àqueles que a sociedade contemporânea explora. Se assim for não creio que depois das transformações dos anos 60 os padres ou qualquer outro grupo social da burguesia contribuam para uma tomada de palavra e do poder pela classe operária identificando-se com ela no seu modo concreto de estar no mundo. A identificação terá de processar-se com as armas próprias da camada burguesa, e, desse modo, a identificação não se improvisa nem se limita a um voto romântico ou piedoso.



Fundação Cuidar o Futuro

3. Que razões poderão explicar que num passado recente se tenha multiplicado as defecções de padres da Igreja Católica ? Pensa que a isso corresponde uma crise da Igreja ?

O fenómeno do abandono em massa do sacerdócio na Igreja católica é um facto que tem sido analisado em quase todos os países e que transcende uma situação particular . Sem dúvida que esse abandono corresponde a uma grave crise da Igreja . Note-se , porém , que não estou a falar dum crise moral julgando por critérios de fidelidade ou de infidelidade os caminhos que os padres têm querido seguir . Situo-me, sim , numa crise de identidade da Igreja que é simultaneamente crise da sua missão . É tentadora a análise de tal responsabilidade , mas aqui gostaria de apenas de indicar um aspecto dessa crise : a aparente inadequação da Igreja às estruturas da mundo moderno . No mundo em que houve Marx , Freud e Einstein não é possível a expectativa de evoluções harmónicas das coisas , no estímulo do crescimento pessoal das virtudes humanas que a vontade controla no caminho de valores absolutos independentemente dos referenciais em que são experimentados . É tão profunda esta necessidade de inserção da Igreja no mundo de hoje , que as renovações "intra- muros" aparecem como dolorosamente patéticas .

É certo que o abandono de muitos sacerdotes se cristalizou em pontos internos → " a lei do celibato " , "a autoridade ou indiferença do bispo" , " a falta de comunidade " , mas , em meu entender , seria curto reduzir tão grave decisão a qualquer desses elementos , O mal estar , o sofrimento e angústia desses padres , parecem-me ter, na origem, uma razão de perplexidade e de questionamento , perante o significado e conteúdo da missão da Igreja no mundo de hoje . E essa resposta só nos todos nós , na nossa procura quotidiana que a devemos encontrar -ainda que provisória e mutável , ela será o marco necessário para novas etapas .



4. Concorde com o celibato sacerdotal? Porquê?
55. Afirmando os biólogos que a actividade sexual é necessária ao bom equilíbrio psíquico. Um padre é -antes e depois- um homem. Como pode obter aquele equilíbrio? Serão os padres, por definição, casos patológicos?

Parece-me indispensável precisar alguns conceitos para poder responder às duas perguntas postas. Ver-se-á que não aceito os termos em que estão formuladas.

A sexualidade sendo o mais profundo mistério da existência a seguir ao mistério da morte, não pode apenas ser interpretada do ponto de vista de qualquer biologia. O longo caminho andado desde Freud permite reconhecer hoje a pessoa humana como totalmente sexuada em todas as manifestações do seu ser e agir. É certo, que <sup>até</sup> há poucos anos a interpretação da estrutura da personalidade do homem ocidental proposta por Freud e pelos seus discípulos não tivera grande ~~valor~~ <sup>valor</sup> nos meios católicos. ~~Na verdade,~~ uma radical transformação era pedida a uma filosofia católica que sempre encarara a pessoa humana como uma abstracção: ser neutro, assexuado, cuja perfeição na terra estaria em ~~deixar-se~~ <sup>deixar-se</sup> como os anjos do céu. Tão pouco foi indiferente à atitude dos padres neste domínio, o treino recebido por alguns quanto ao modo como deveriam relacionar-se com as mulheres.

Sabemos hoje que toda a pessoa humana se encontra <sup>modelada</sup> estruturada e é, por seu turno, veiculada por aspirações e desejos que decorrem da sua estrutura sexuada. Ignorá-lo hoje seria tão ilusório como ignorar a lei da gravidade. Simplesmente, essa estrutura sexual, embora contenha um registo que escapa ao controle do homem (a zona profunda do inconsciente onde se tecem as formas difusas do desejo e se recebem os pedidos não ouvidos ou ainda não conscientemente acolhidos), invade todo o campo da consciência. O outro diante de mim é sempre um ser sexuada e a relação de harmonia ou de conflito que se estabelece entre nós só aparentemente decorre do discurso verbal.



Também as coisas, na medida em que se me tornam aprazíveis numa tarefa ou, pelo contrário, enfadonhas e pesadas, requerem de mim uma resposta sexuada; resposta que vai captar no meu eu consciente em sentimentos de realização ou de frústação.

É perante esta realidade que pode falar-se de celibato; do que já disse atrás infere-se a profunda mutação que o celibato sofreu. Porque não podemos ser como os anjos, o celibato não é o caminho de maior perfeição; por que somos sempre seres sexuados, o celibato não é renúncia a uma sexualidade conscientemente vivida. O celibato é, sim, uma forma <sup>própria</sup> de viver a sexualidade. Ao tomar a decisão de casar com alguém ou a de escolher uma vida de celibato, o homem (ou a mulher) afirma, numa ou noutra decisão, a sua realidade de ser sexuada.

Entre a forma particular de sexualidade vivida no casamento e a que vivida no celibato processa-se um salto qualitativo. Uma sexualidade integrada no celibato supõe relações numerosas, profundas, fiéis e a capacidade de ir construindo essas relações com <sup>novas</sup> pessoas que se vão encontrando ao longo do caminho da vida. Talvez aqui, como noutros sectores da vida, a explosão da quantidade altere a própria qualidade, de tal modo que essas relações, embora requeiram uma vigilância atenta, são o tecido indispensável para um celibato autenticamente vivido. É certo que há uma certa rotura com a tradição disciplinar da Igreja. E se houve sempre uma Teresa d'Avila para fazer saltar todos os códigos disciplinares e revelar, <sup>pele sua vida</sup> ~~ainda que só intuiti~~ vamente, o que era um celibato vivido como realização pessoal e fecundidade na cidade dos homens, o seu exemplo não conseguiu penetrar as fortalezas inexpugnáveis da "renúncia" que foram, aos olhos de muita gente, os conventos e os seminários.

Seria erróneo caminhar para enunciados teóricos que não se adaptam à situação concreta em que vivemos. Não posso ser indiferente ao drama que vivem muitos padres por causa do celibato sacerdotal exigido como lei disci



Fundação Cuidar o Futuro

plinar e sou-o tanto mais quanto a leitura das dificuldades aí encontradas me aparecem agudizadas pelas características que atribuí ao grupo social dos padres, em especial o investimento total da libido no serviço do ideal a que se dedicam; pela situação de mutabilidade das instituições; pelos traços ainda mal definidos duma Igreja nova, a nascer das cinzas de uma Igreja moribunda <sup>ya sua forma social</sup> (e penso, ~~com~~ esperança, no salmo de David como salmo de toda a Igreja: "e a minha juventude renovar-se-á como a da água"- Salmo 102,2). O celibato sacerdotal como lei aparece-me como contrário ao sentido do celibato para o Reino de Deus. A questão fundamental não está para mim em saber se "os padres podem casar ou não", mas em resolver dois problemas: um de ordem prática que é o descobrir ~~que~~ a situação concreta de cada Igreja local exige que se ordenem homens que escolheram o celibato ou homens que escolheram o casamento, ou ambos; outro, de ordem teórica que consistiria em verificar se a afinidade existente entre o sacerdócio e a situação de celibato por causa do Reino postula uma relação íntima e não dissociável dos dois carismas.

## Fundação Cuidar o Futuro



6. Pensa que o serviço eclesial deverá ser exclusivamente masculino?

A reflexão feita atrás sobre a variedade dos ministérios na Igreja, leva a dizer que o serviço eclesial não é, não deve e não pode ser exclusivamente masculino. Na verdade, os carismas distribuídos aos cristãos transformam-se no serviço concreto de homens e mulheres portadores de uma singularidade indispensável para a harmonia do conjunto.

Para determinar ou esclarecer quais os ministérios a serem exercidos pelas mulheres, teremos de recorrer à noção de Povo de Deus. É a partir da situação existencial dos homens e das mulheres que compõem esse povo, que podemos fazer a leitura dos carismas susceptíveis de serem encontrados preferencialmente num ou noutro sexo e dos ministérios que nascem desses carismas.

Há alguns anos tive a ocasião de publicar na revista da Faculdade de Teologia de Praga o que chamei "uma pista possível para o estudo dos ministérios das mulheres". Desde então (1968), processaram-se no mundo profundas transformações que me levariam necessariamente a tornar mais "nuances" algumas das afirmações que então fiz. Mas o fundo do problema permanece idêntico para mim.

Em primeiro lugar, numa Igreja feita por homens e por mulheres, não há nenhuma razão - nem sociológica nem da Tradição nem do Evangelho - que permita conferir a um sexo um estatuto de menoridade. De resto, ao examinarmos a situação da mulher na sociedade contemporânea e na Igreja, damos-nos conta de que há um impressionante paralelismo entre as duas situações.

A leitura cuidadosa e desapaixada da maneira de estar no mundo específica das mulheres conduz à descoberta dos tipos de serviço que podem realizar. Não creio que "o serviço eclesial" lhes interesse particularmente, cansadas como devem estar de passarem séculos a preparar as alfaías e a comprar as flores da igreja... As mulheres não formulariam hoje a sua acção



Fundação Cuidar o Futuro

de cristãs em termos do exercício de um "serviço eclesial". A sua situação de cristãs e o seu modo de serem mulheres não lhes aparece com o vínculo de "funcionárias-da-instituição" que a expressão "serviço eclesial" parece conter. Elas são Igreja, tal como os homens, e o serviço que as dinamiza é o serviço do mundo através da Igreja para o advento do Reino. O que importa assegurar nesta personalização de ser Igreja-para-o-mundo é uma igualdade na diferenciação que, ao reconhecer a plena equiparação dos homens e das mulheres em relação às notas que definem a Igreja (o testemunho, a comunhão, o serviço e o culto), afirme simultaneamente a especificidade e a autonomia na originalidade de cada sexo.

É neste contexto que me parece poder levantar-se o problema da ordenação das mulheres para o ministério sacerdotal. O período pós-conciliar viu crescer a euforia quanto a essa possibilidade. O problema era, então, sobretudo levantado por mulheres que, embora de maneira discreta, ~~fossem~~ <sup>queriam</sup> "fazer andar as coisas", se encontravam juridicamente numa situação subalterna em relação ao clero com quem trabalhavam. Para algumas dessas mulheres, a ordenação aparecia também como maneira de fazer estalar os quadros em que se definira até então o sacerdócio e o seu exercício. No entanto, as conversações havidas e os grupos de trabalhos fomentados para colaboração da Igreja Católica de Roma e o Conselho Mundial das Igrejas mostram à evidência que a situação da mulher nas Igrejas não era de modo algum resolvida pela possibilidade de ordenação das mulheres. Com efeito, é natural que aconteça dentro da Igreja o que acontece em qualquer esfera da vida social: por que um punhado de mulheres se situa em pé de igualdade com os homens, fica a consciência <sup>geral</sup> descansada, justificando-se pela incompetência pessoal o grau de atraso ou de passividade das grandes massas. Usam-se, então, essas figuras-símbolo para mostrar que a empresa, o partido, o sector de actividade, a Igreja estão abertos à igualdade entre os homens e as mulheres...

O problema que estou a levantar aqui é, sem dúvida, um problema pragmático. Nas condições actuais da vida das mulheres, a ordenação de algumas



não mudaria em nada a situação das grandes massas. Mais: a possibilidade aberta pela Teologia relativamente à ordenação das mulheres parece-me francamente prejudicada por algumas das aquisições mais nítidas dos últimos cinco ou seis anos através da acção dos movimentos de libertação das mulheres. Por um lado, verifica-se, nesses movimentos, a necessidade estratégica de as mulheres se agruparem entre si para se descobrirem a si próprias e se solidarizarem umas com as outras. Por outro lado, os movimentos de libertação apontam para a recusa de um mimetismo de um modelo imposto pelo homem e estimulam formas que são ao fim e ao cabo tradicionais do ser e do agir da mulher situando-as embora num novo referencial, o que as torna completamente diferentes.



Fundação Cuidar o Futuro

7. Acredita que o ensino ministrado nos seminários dá, normalmente, uma boa preparação para enfrentar o mundo moderno? Ou pensa, pelo contrário, que, no nosso tempo, se impõem novas soluções para uma conveniente preparação dos futuros padres?

10. Parece serem diferentes as motivações que, no passado, mesmo recente, se ofereciam aos candidatos ao sacerdócio e as <sup>que</sup> actualmente se oferecem. Está de acordo com esta suposição? Acredita que hoje, para ser padre, serão necessárias motivações mais fortes?

Não creio que o ensino ministrado nos seminários seja muito diferente do ensino ministrado noutras instituições... Poderá dizer-se que essas instituições dão "uma boa preparação para se enfrentar o mundo moderno?"

Não me sinto habilitada para julgar em pormenor da especificidade das falhas reveladas no ensino ministrado nos seminários.

A preparação para o sacerdócio é basicamente ambivalente: por um lado trata-se duma preparação para realizar determinadas funções aprofundar determinados conhecimentos, e ser capaz de os tornar fecundos através da actividade própria. Até aqui estamos deparando com as mesmas regras de renovação pedagógica de nível e qualidade do ensino que regem quaisquer outras instituições de educação. Por outro lado a preparação para o sacerdócio é também iniciação a um modo próprio de estar no mundo. Embora seja difícil de definir esse modo próprio para todos os padres, julgo que um certo número de etapas são indispensáveis para uma decisão definitiva quanto ao sacerdócio. Assim indicaria a capacidade de exercício de uma actividade profissional e o treino dessa capacidade, - e aqui seguiria as "inclinações" de cada um. Daria então um conteúdo possível e provado aos ~~padres~~ <sup>operadores</sup> -padres, aos professores- padres, aos investigadores-padres etc.,. Tal experiência seria a plataforma a partir da qual um sacerdócio se poderia vir a exercer com a percepção existencial dos problemas em



causa. Veria ainda a necessidade de uma revelação da pessoa a si mes-  
 ma através de <sup>análise</sup> qualquer ramo da psicologia, de modo que o futuro padre  
 chegasse ao momento da sua ordenação com uma consciência tão clara  
 quanto possível das pulsões que o regem, dos mecanismos de afirmação  
 do eu, <sup>do</sup> sistemas de compensação e de tudo o que faz o lastro inconscien-  
 te das nossas acções. Parece-me ainda indispensável o crescimento na  
 vida e trabalho em equipa, A própria estruturação do povo de Deus re-  
 quere, a meu ver, ao nível existencial, a experiencia de socialização  
 do que somos e do que temos. Não basta comentar o 2º capítulo dos Actos  
 dos Apóstolos nem adoptar verbalmente um qualquer socialismo... Também  
 durante esse período deveria o futuro padre caminhar na integração pro-  
 gressiva da Boa-Nova da conversão que nasce no coração dos homens; da  
liberdade que é a vida no Espírito e a libertação que é doloroso  
 caminhar nesta terra; do dom que Deus oferece e se acolhe, de mãos aber-  
 tas, na contemplação e da luta a que os homens tem de entregar-se, de  
 punhos cerrados, para que todos vejam um dia a salvação.

Estes e outros elementos aparecem como essenciais a uma inicia-  
 ção na vida sacerdotal . A ordenação para o sacerdócio parece-me ,  
 então , como um momento privilegiado nesta caminhada , sugerido pela  
 lógica dos empenhamentos já assumidos e dos desejos já expressos e  
 tornados assim nova plataforma de serviço mais dado aos homens .  
 Em outros termos , gostaria de reduzir ao mínimo o aspecto institucio-  
 nal , jurídico e legalista da ordenação , tornando-a antes um momento  
 fecundo em que se recapitula a existência já vivida e que não corres-  
 ponde a nenhuma solução de continuidade .



falta  
 aqui  
 um  
 69 cada

9. Pensa que devem existir limites à acção política do padre - e, em caso afirmativo, quais? Como pode o padre ser alheio à política social do país onde actua?

Gostaria de fazer notar, em primeiro lugar, que a actuação política dos padres, como <sup>alids,</sup> de qualquer homem ou mulher, está intimamente ligada com a maneira como é resolvida a sua situação afectiva. Não é de hoje a relação profunda entre as manifestações do poder por via afectiva e as manifestações por via política. Não é totalmente desprovida de razão Vera Braidlen, a mãe possessiva e reaccionária do filme "Family Life", quando liga, na sua perplexidade perante os tempos modernos, a liberdade sexual entre os jovens com as manifestações públicas que promovem. De resto já o filme inglês "If" de crevera há alguns anos e de forma mais intensa a relação entre duas formas extremas de erotismo e de violência. Em homens totalmente polarizados por um ideal, uma brecha aberta ao nível <sup>inconsciente</sup> ~~consciente~~ na realização sexual levará a procurar, ao nível do consciente, uma compensação para a frustração afectiva. E o ideal, num mecanismo fácil de se desencadear em quem por ele e para ele vivera, gera facilmente uma ideologia tanto mais absoluta quanto mais total tiver sido o investimento da energia vital no ideal. E assim se gera, em perfeita lógica, o padre integrista da direita ou da esquerda. (De resto, o mecanismo é idêntico para os leigos muito empenhados na missão da Igreja no mundo.)

Feita esta ressalva, penso que a actuação política do padre é, como para os leigos, também um dever, uma vez que todos os nossos gestos, ~~ações~~ e palavras são portadoras dum significado político. A cidade dos homens constroi-se mais pelos gestos quotidianos dos seus cidadãos do que pelas leis dos seus governantes (embora estas, muitas vezes, cerceiem a liberdade daqueles).

Há uma outra actuação política que se manifesta no projecto de sociedade que os homens imaginam, desejam e constroem. Creio que os padres, tal



como os leigos, ou ainda mais do que eles, não poderão realizar a sua missão se não levarem cada vez mais longe a sua reflexão e a sua prática sobre a sociedade que desejam. O evangelho de Jesus Cristo é uma Boa Nova de paz e de fraternidade entre os homens. Como poderão os padres anunciá-la sem passarem pelos caminhos concretos que tornam o desejável possível e o possível real?

As sociedades contemporâneas procuram de alternativas viáveis para o seu modo de existir. Gostaria que os padres pudessem experimentar o tipo de sociedade que desejam e a partir dessa experiência, pudessem estimular os outros homens a inventar caminhos novos. Certos grupos sociais, nomeadamente os jovens, só conseguem exprimir esse desejo duma sociedade nova negando a que existe. Ao fazê-lo desempenham um papel importantíssimo na sociedade. Essa mesma nota parece-me deslocada em homens adultos que, com o caldeamento da experiência, deverão ter adquirido os materiais, modestos embora, mas concretos com que se possa anunciar uma nova construção. Não sei se dum ponto de vista psicossociológico não há ainda em alguns padres ressaibos de juvenildade que os levam a denunciar mas raramente anunciar por palavras e por obras. É nesta proposta de uma sociedade nova que o padre não só "não pode ser alheio à política social do país onde actua" como tem obrigação de ~~anunciar~~ contribuir ao anunciar a Boa Nova da Salvação.



Restar-nos-ia a política no sentido técnico de actuação partidária. Não pouco me parece que devam existir limites exteriores aos padres para essa actuação. No entanto, as características do grupo social que constituem podem oferecer duas dificuldades que, por seu turno, porão limites a um tal tipo de actuação.

O investimento total dos padres no ideal que os motiva torna-os homens do absoluto. Fácil é, por isso, que a Jerusalém celeste se torne para eles uma utopia terrestre e que os caminhos ideológicos que a ela conduzem lhes apareçam eivados de carácter absoluto e totalitário. Dificil lhes será, portanto,

rá, portanto, relativizar o possível, distinguir a utopia da operacionalidade, procederem por estratégia mais do que por coerência lógica ou "pureza" moral. Esse mesmo carácter absoluto poderá fazê-los ceder facilmente à tentação de "pregar às massas" invalidando, assim, desde a base, uma tática calculada e escondida que a actuação política rigorosa em determinados momentos requiere.

Fundação Cuidar o Futuro



11. Que pensa das relações entre o padre e o seu bispo? Crê que a hierarquia dificulta a liberdade de actuação do padre?

Naturalmente não me sinto habilitada a julgar a relação entre os padres e os respectivos bispos. No entanto, uma observação sociológica da instituição da Igreja leva a prever a existência de conflitos decorrentes dos modelos institucionais existentes, mais do que das pessoas. Suponhamos, assim, que a instituição eclesiástica se movimenta numa estrutura feudal. Essa estrutura é servida por uma tradição oral (a informação que passa de boca em boca) e tem, no topo, uma direcção que, quando humanamente capaz, é carismática.

i. e., o topo da estrutura, tem uma relação directa e bívoca com cada um dos membros.

Com a introdução dos esquemas da democracia liberal na instituição eclesiástica, esta passará a ser definida por uma estrutura burocrática em que as relações do topo com a base se processam por patamares sucessivos de hierarquia. Tal estrutura é servida pela comunicação escrita, que tenderá a multiplicar-se em virtude dos canais estruturais existentes. No topo existirá uma direcção administrativa que faz "andar a máquina" e cujo tempo escasseia para determinar o sentido e a ideologia da instituição, uma vez que a sua energia se gasta no funcionamento interno da estrutura. § Em termos concretos e grosseiros, podemos dizer que estes dois modelos correspondem à estrutura da Igreja antes e imediatamente a seguir ao Concílio. Ora as transacções não se realizam na maior parte dos casos global e simultaneamente para todas as pessoas envolvidas na instituição. Assim, a coexistência dos dois modelos gera um mal estar, que é independente das personalidades concretas que integram a instituição. Assim, poderá permanecer uma estrutura feudal (quer na articulação das funções, quer nas expectativas inconscientes) com uma direcção administrativa preocupada pela boa organização da vida interna. Teremos uma situação de paralisia geral ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ em que não é fácil distinguir a parte da responsabilidade de uns e de outros. Reciprocamente, a uma estrutura burocrática poderá coincidir uma direcção carismática. Também aí se estabelecerá o equivalente a um regime totalitário



em que a intuição de um é veiculada por uma organização perfeita. Também os modos de comunicação têm a sua lógica própria dentro do sistema. A estrutura feudal servida por uma comunicação escrita conduz, facilmente, ao dogmatismo, às cartas pastorais em que o povo se não sente implicado. Reciprocamente, a coincidência da estrutura burocrática com a tradição oral conduz a uma permanente insatisfação decorrente da inevitável falta de informação adequada em cada um dos escalões da estrutura.

Creio distinguir já nos últimos cinco ou seis anos, um outro tipo de estrutura a que é costume chamar de cooperativa. Nesta estrutura não há órgãos rígidos de decisão e o seu esqueleto é variável segundo as necessidades dos objectivos e os talentos dos homens que a compõem. Numa tal estrutura, a  direcção incarna a responsabilidade do todo, podendo exercer-se algumas vezes como carismáticas, outras como administrativa ou funcional. Também a comunicação segue as necessidades do momento e se define como espontânea - terá, por vezes, à impacto e o colorido da tradição oral e, outras vezes, a concisão da comunicação escrita. Também a passagem da estrutura burocrática para a estrutura ~~administrativa~~ cooperativa se não faz sem grandes dificuldades. Se a estrutura permanecer burocrática e a direcção se tiver liberdade já do colete de forças da via administrativa, geram-se conflitos e uma permanente confusão sobre quem deve dizer o quê. Reciprocamente, se a estrutura for cooperativa e a direcção permanecer administrativa, cria-se uma frustração generalizada porque raramente coincidirão os arranjos ad hoc da estrutura cooperativa com a lógica sistemática da direcção administrativa.

Também a comunicação de uma estrutura utilizada inadequadamente poderá provocar graves desajustes. Assim, a estrutura cooperativa servida exclusivamente pela comunicação escrita e previsível, começa a desgastar-se através de um sentimento generalizado de enferrujamento. Por seu turno, a comunicação espontânea, ao coexistir com uma estrutura burocrática, gera com facilidade o receio da manipulação ao serviço da "máquina".



Haveria que acrescentar que estas situações, friamente enunciadas, são agravadas ou ultrapassadas consoante as personalidades/<sup>que</sup> fazem parte da instituição.

Porque me sinto parte de uma Igreja cuja estrutura não pode deixar de ser cooperativa (pois como integrar de outra forma o acontecimento, a pluralidade das situações em que os cristãos celebram a sua realidade eclesial?), gosto de acentuar que aos bispos pertence de forma específica o carisma da unidade. Peço-lhes, por isso, que a sua forma própria de intervenção no corpo da Igreja seja sobretudo ao serviço da unidade. Como leiga profundamente empenhada no mundo não lhes peço que tomem posições e que emitam opiniões em que necessariamente ~~seriam~~ iriam colocar a favor de uns e contra outros. Essa tarefa é tarefa das pequenas Igrejas, das comunidades de base ou dos grupos que uma mesma leitura do Evangelho motiva, que uma afinidade de situações e de opções torna coesos. Reconheço, porém, que, carecendo a maioria dos padres de inserção em tais comunidades, parece inevitável o mecanismo que os leva a investir no bispo toda a expectativa de opiniões ou de orientação para a acção.

Fundação Cuidar o Futuro

